

## ORALIDADE, ESCRITA E ENCENAÇÃO: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE O AUTO DE FLORIPES (PRÍNCIPE- ÁFRICA) E A LUTA DE MOUROS E CRISTÃOS (PRADO- BAHIA- BRASIL)

Alexandra Gouvêa Dumas<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto faz uma breve análise sobre duas manifestações de temática comum, denominadas carolíngias por serem oriundas do livro “História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França”. São elas: a “Luta de Mouros e Cristãos”, de Prado-Bahia-Brasil e o “Auto de Floripes”, de Príncipe, da República de São Tomé e Príncipe, na África. O foco de observação está sobre a mixagem de linguagens que ocorre nestas manifestações no que tange a oralidade, a literatura e a encenação.

**Palavras-chave:** Oralidade, Mouros e Cristãos, dramas carolíngios

Na tentativa de compreender processos de construção, transmissão, perpetuação e atualização de conhecimentos tradicionais, este texto parte do explorado tema Oralidade, tendo como foco de observação a confluência de linguagens— oral, escrita e cênica — entre dois folguedos tradicionais de representação de batalhas envolvendo mouros e cristãos. Um deles, denominado “Luta de Mouros e Cristãos”, acontece, anualmente, no dia 02 de fevereiro, em comemoração a São Sebastião, na cidade de Prado<sup>2</sup>, extremo sul baiano, Brasil. O outro é o “Auto de Floripes”, que acontece no dia de 10 de agosto, dia de São Lourenço, na ilha de Príncipe<sup>3</sup>, República de São Tomé e Príncipe, no Golfo de Guiné, África.

A modalidade lingüística inicialmente destacada é a Oralidade. Esta palavra tem na sua etimologia o radical *oris*, do latim, que significa “boca; linguagem, língua,

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFBA.  
alexandradumas@uol.com.br

<sup>2</sup> Prado fica localizada no extremo sul baiano, distante cerca de 810 km da capital, faz parte da região do Descobrimento, esta assim denominada por ser composta pelos locais onde os portugueses tiveram os primeiros contatos com os nativos, em 1500. A cidade tem, segundo o IBGE, cerca de 14 169 habitantes vivendo em área urbana.

<sup>3</sup> A República de São Tomé e Príncipe é composta por duas ilhas principais (São Tomé e Príncipe) e por cerca de 20 ilhotas. Situada no Golfo de Guiné, a 220 km do Gabão, a ilha de São Tomé situa-se precisamente sobre o equador. A ilha de Príncipe está situada à norte da ilha de São Tomé. (Fonte: [www.turismo-stp.org](http://www.turismo-stp.org). Acesso em março de 2007) O estado insular localizado no Golfo da Guiné foi desabitado até 1470 quando foi descoberto por navegadores portugueses. Após cerca de 500 anos de controle português o arquipélago foi descolonizado em 1975. A ilha do Príncipe é a menor ilha do arquipélago, com 136 km<sup>2</sup>. A capital é Santo António, com uma área de 142 km e uma população estimada, em 2004, de 5 400 habitantes. Em 1753 uniu-se a São Tomé para formar a Colônia São Tomé e Príncipe. (Fonte: [www.wikipédia.com](http://www.wikipédia.com). Acesso em 03/ 04/ 2007).



idioma; rosto, fisionomia; abertura, orifício” (HOUAISS). O próprio termo evidencia o aspecto verbal da linguagem, relacionando-o à percepção da audição e da fala. Ficando restrita ao que o vocábulo anuncia, o conceito de oralidade fica subjugado à percepção humana de expressar e perceber através da boca e dos ouvidos.

Transcendendo os limites da palavra, Paul Gilroy ao analisar e discutir o conceito de diáspora no livro *O Atlântico Negro* amplia o entendimento de oralidade, afirmando: “O caráter oral das situações culturais nas quais se desenvolve a música da diáspora pressupõe uma relação distintiva com o corpo”. (GILROY, 2001, p. 162). Ou seja, o seu pensamento sobre a oralidade parte de um corpo amplo, com os sentidos abertos à percepção e captação de conhecimentos e não apenas como o que fica sugerido no étimo *oral*.

Paul Zumthor coaduna com este pensamento. Ao tratar da oralidade utiliza preferencialmente a denominação *performance*, pois para ele este conceito engloba tanto a recepção como a percepção sensorial, ou como ele diz, compreende-se aí “um engajamento do corpo”. Discute oralidade contrapondo-se a uma visão mais tradicional:

Nesse sentido não se pode duvidar de que estejamos hoje no limiar de uma nova era da oralidade, sem dúvida muito diferente do que foi a oralidade tradicional; no seio de uma cultura na qual a voz, em sua qualidade de emanação do corpo, é um motor essencial da energia coletiva. (ZUMTHOR, 2000, p. 73).

Largamente usado no campo de Letras/ Literatura e incorporado na Antropologia e na História, o termo Oral/ Oralidade aparece como adjetivo referente a uma determinada técnica metodológica (coleta e registro de depoimentos), assim como para significar uma modalidade de conhecimento referente à memória e a poética vocal. Como exemplos, temos as denominações História Oral e Literatura Oral como disciplinas que privilegiam a análise e reflexão de experiências não registradas, primeiramente, em escrituras, mas que se efetivam preferencialmente na experiência oral.

Em geral, os estudos que tratam da Oralidade tem como ponto de análise da narrativa oral a própria escrita. Em muitos casos, colocadas como opositoras do tipo: oral/ escrito, letrado/ iletrado, ágrafo/ não ágrafo<sup>4</sup>. Esta tensão conceitual envolve

---

<sup>4</sup> Importantes obras que abordam este tema revelam este posicionamento. A exemplo ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. São Paulo: Papyrus, 1998; HAVELOCK, Erick. **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**. São Paulo: Editora da UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996;

também um posicionamento valorativo. Ana de Sousa Gil, no texto “Pelos ecos da *Oratura* ou na encruzilhada de uma definição” explica tal posicionamento. Segundo ela,

a tese de que oralidade e a escrita seriam elementos contraditórios que se excluíam reciprocamente, provém, em larga medida, do preconceito do texto correcto. Consequentemente, entre a escrita e a memória, a dicotomia vai alternando de teoria em teoria, reescrevendo-se o mesmo dualismo entre literatura popular e literatura canonizada. (GIL, 2005)

Desta forma, vários tipos de conhecimentos que não utilizam o texto escrito como principal técnica de registro e via de transmissão, acabam sendo qualificados de forma generalizante como sendo narrativa *Oral* ou substantivadas como *Oralidade*. Ong, em uma citação do livro “Oralidade e Cultura escrita: a tecnologização da palavra” diz:

Os seres humanos comunicam-se de inúmeras maneiras, fazendo uso de todos os seus sentidos: tato, paladar, olfato e especialmente visão, assim como audição. Algumas comunicações não-orais são extremamente ricas- a gestual, por exemplo. Contudo, num sentido profundo, a linguagem, o som articulado, tem importância capital. Não apenas a comunicação, mas o próprio pensamento estão relacionados de forma absolutamente especial ao som. (ONG, 1998, p.15)

A classificação destas formas de registro de conhecimento acaba gerando, em alguns casos, um distanciamento equivocado entre as diferentes, mas muitas vezes, próximas, narrativas de carácter oral e escrita. Faz-se pertinente a compreensão de Leda Martins ao utilizar o operador conceitual *encruzilhada*, pois, segundo ela, este

(...) oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos. (MARTINS, 1997, p. 28)

Neste ponto, na análise da Luta de Mouros e Cristãos e do Auto de Folripes, não pretendo colocar as linguagens como opositoras, assim como, constantemente, são postas a escrita e a oralidade, mas compreendê-las como espaços de encontros e confrontos linguísticos, acrescidos da consideração da linguagem cênica como espaço significativo na perpetuação, memorização, atualização e sobrevivência de tradições culturais.

Percebendo a interseção de linguagens ao abordar o “cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou ágrafos, com que se confrontaram”, Martins traz uma outra reflexão, ao tratar de folguedos considerados de tradição oral como os Reinos Negros e das Congadas de Minas Gerais.

A sintaxe que organiza os ritos e toda a representação simbólica deriva-se da narrativa fundadora, tecida pelo cruzamento do texto católico com repertórios textuais de arquivos ágrafos africanos, reencenados como um texto terceiro, pela tradição oral. (MARTINS, 1997, p. 47)

Tal observação pode ser aplicada nos cruzamentos textuais, orais e encenados dos dramas carolíngios<sup>5</sup> de Prado e de Príncipe. Apesar da distância territorial os folguedos em destaque têm uma estreita aproximação matricial. São oriundos, ou assim declarados por quem os fazem, de uma mesma história, de um mesmo livro.

Sob o título de “A História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França” a matriz literária citada como base na construção destes folguedos foi significativamente difundida em Portugal do século XIX. Não restrito ao território português, o livro viajou para suas colônias. Na memória dos colonizadores, assim como nas páginas do livro que eram lidas em sessões coletivas, no Brasil, principalmente no sertão nordestino do início do século XX, as histórias de cavalaria e heroísmo cristãos assentaram-se e (re)criaram-se com vigor no imaginário popular brasileiro.

Mesmo tendo como base a escrita, o referido livro tem o caráter factual e da oralidade como uma referência na sua construção. Trata-se de um épico com histórias protagonizadas por Carlos Magno (742- 814), o rei dos francos e imperador do Ocidente.

A respeito da sua popularidade, o historiador Peter Burke relata um fato que marca a presença do referido livro no ano de 1840, em Maceió:

---

<sup>5</sup> Carolíngio, é uma referência ao livro épico-medieval “A História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França”, narrativa de base oral e escrita que influenciou, no Brasil e na Europa, diversas manifestações populares. Cascudo, no Dicionário do Folclore Brasileiro, define como: “Obra popularíssima em Portugal e no Brasil, leitura indispensável por todo o sertão, inúmeras vezes reimpressa e tendo ainda o seu público leitor fiel e devotado Fornece material aos cantadores, e muitos episódios tiveram redação em versos, constituindo temas de cantos e leituras entusiásticas. CASCUDO, 2001, p. 114

Por volta de 1840, um missionário protestante americano, o reverendo Daniel Kidder, visitava a pequena cidade de Maceió, no nordeste brasileiro, na costa litorânea entre Salvador e Recife. Entrou numa loja e encontrou o vendedor lendo num balcão. ‘O livro’, observou Kidder, com visível espanto, ‘era uma vida de Carlos Magno’. O missionário não devia se surpreender, pois o interesse por histórias sobre Carlos Magno não era de modo algum incomum para a região e o período. (BURKE, 2000, p. 203)

Tendo seus feitos de herói cristão difundidos pela Europa através das histórias contadas e lidas, não é de se estranhar que o espaço das encenações populares também se tornasse palco de representações das batalhas que aconteceram entre cristãos e muçulmanos nas adjacências do Mar Mediterrâneo.

Em Prado, palavras escritas, que já foram lidas e ouvidas por “mouros e cristãos”, a partir do livro matriz, atualmente, existem apenas no espaço da encenação. Atores/brincadores mais antigos apontam o processo oral como sendo o principal método de aprendizado das “embaixadas” — as falas dos capitães e embaixadores. Romildo Machado, 81 anos, “embaixador mouro” há mais de cinquenta anos ininterruptos na cidade de Prado, afirma: “Ta tudo no livro! Eu aprendi com seu Moysezinho.<sup>6</sup> Ele tinha o livro, ele ia lendo, tirando os versos e nós ia repetindo e decorando. As embaixadas... Ta tudo lá. Isso que vamos falando ta tudo lá no livro”.<sup>7</sup>

Hoje, o livro citado deixou de ser referência para brincadores que se iniciam no folguedo, ficando o espaço da encenação como principal espaço da memória carolíngia na cidade.

Neste sentido, o termo oralidade não se aplica de forma satisfatória a este processo de construção e transmissão de conhecimento. A percepção do evento cênico passa por sensações e captações que evidenciam não só a escuta e a emissão da voz, mas também outros sentidos como a visão, olfato e demais sensações possíveis que atuam na memorização e aprendizado. É possível que este processo esteja atrelado ao fato da matriz literária, hoje em Prado, aparecer como uma breve alusão na encenação da luta, sendo a referida literatura declarada apenas como inspiração para a construção dos

---

<sup>6</sup> Moysés dos Santos Almeida (1897-1989) foi citado como um dos possuidores do livro “de Carlos Magno”. Antonio Filoteu (1906- 2005), antigo brincador mouro, fez referências ao livro carolíngio no seu aprendizado das embaixadas revelando, além de Moysés Almeida, o sr Paulo de Panta como um dos possuidores de um exemplar do referido livro. Madalena Ferreira (1927), rezadeira, interessada em conhecer sobre a história da “luta” pradense recorreu ao chefe da brincadeira, à época, o sr Néelson Filoteu, que a emprestou o tal livro onde ela declara ter lido alguns trechos e, em depoimento (dezembro de 2005) descreveu formato, tamanho e histórias recortadas da leitura feita “há muito tempo”. Atualmente, não foi localizado nenhum exemplar da obra carolíngia na cidade do Prado.

<sup>7</sup> Depoimento concedido em novembro de 2004.

diálogos quando acontece uma determinada etapa da representação — a embaixada, não retratando um trecho específico do “livro de Carlos Magno”.

Já em Príncipe, o drama carolíngio tem como evidência o aspecto literário na sua encenação. O Auto de Floripes dramatiza um determinado trecho do livro, escrito em prosa, os capítulos XVIII a XLVI, da primeira parte, do livro II. Existe uma relação mais direta do que é encenado com o que consta no livro. Então, os escritos carolíngios servem como consulta constante no aprendizado das falas e composição das personagens. (BAPTISTA, 2001)

Entretanto, a presença do livro em terras baianas é menos constante e evidente não só na encenação pradense como também como objeto literário existente e usual. Atualmente, a presença da literatura carolíngia, tão popular no sertão nordestino do século XIX até a primeira metade do XX, a ponto de ser considerada “a Bíblia do Sertão” (CASCUDO, 1953, p.441), em linhas gerais, fica restrita à tímida vendagem do folheto de cordel de autoria de Leandro Gomes de Barros<sup>8</sup>, reeditado pela Editora Luzeiro, com a contracapa anunciando serem as histórias “extraídas do livro de Carlos Magno”.

O próprio livro, mesmo citado por conhecedores mais antigos do folguedo, não foi possível de ser localizado na cidade do Prado, assim como nas principais bibliotecas de Salvador.<sup>9</sup> Até mesmo no espaço da oralidade, a narração de histórias envolvendo os mouros, comandados pelo Almirante Balão, contra os cristãos liderados pelo Imperador Carlos Magno, personagens centrais da trama carolíngia, já não é ouvida, pelo menos de forma aparente.

É possível que a matriz oral e a matriz literária já não tenham a mesma força, hoje, no contexto cultural brasileiro como forma concreta de contato e sustentação das expressões populares, carolíngias. Entretanto, as tradicionais encenações envolvendo mouros e cristãos, citadas pelos mais antigos como sendo retiradas das histórias presentes no livro, acontecem no Brasil em diversas regiões.

---

<sup>8</sup> Folhetos de cordel escritos no ano de 1913, com os títulos: A batalha de Oliveiros com Ferrabrás e A prisão de Oliveiros e seus companheiros. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, s/d. Tema de vários folhetos, as histórias envolvendo Carlos Magno chegam a ser propostas como classificação para estudos deste tipo de literatura popular, com a denominação ciclo carolíngio.

<sup>9</sup> Bibliotecas consultadas: Biblioteca Central do Estado da Bahia, Gabinete Português de Leitura, Biblioteca Central da UFBA, Biblioteca da Fundação Clemente Mariani, Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Consegui localizar e consultar seis exemplares na Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro. O exemplar usado como referência pertence a esta autora.

Na Bahia, na região do extremo sul baiano, as “Lutas de Mouros e Cristãos” ocorrem também em cidades como Alcobaça, Nova Viçosa, Mucuri, e Caravelas. Em muitos estados brasileiros a peleja entre este dois grupos é representada nas famosas e difundidas Cavalhadas e nas Cheganças. Ou seja, os espaços que já foram, preferencialmente, ocupados pela literatura e pela oralidade estão, atualmente, em grande parte, preenchidos pelas encenações que dinamizam e atualizam as cenas de cavalaria protagonizadas pelo imperador cristão Carlos Magno, seus rivais e companheiros.

As encenações que acontecem nas ruas, palco das apresentações do Auto de Floripes e da Luta de Mouros e Cristãos, parecem ser o principal espaço de memória das batalhas carolíngias. Alguns pesquisadores podem nos oferecer nos seus estudos algumas pistas para a compreensão deste fenômeno. Para Pierre Lévy,

(...) as representações que têm mais chances de sobreviver em um ambiente composto quase que unicamente por memórias humanas são aquelas que estão codificadas em narrativas dramáticas, agradáveis de serem ouvidas, trazendo uma forte carga emotiva e acompanhadas de música e rituais diversos (LÉVY, 1993, pp. 82-83)

Elementos espetaculares como figurino, gestualidade, música são apresentados com expressiva carga dramática onde aspectos sonoros da fala e da música dialogam com a gestualidade de atores/personagens envolvidos na representação de uma batalha religiosa. Tais elementos ilustram o trânsito entre as linguagens, entre gesto e palavra. Paul Zumthor, no livro *A letra e a Voz*, anuncia:

A palavra pronunciada não existe (como o faz a palavra escrita) num contexto puramente verbal: ela participa necessariamente de um processo mais amplo, operando sobre uma situação existencial que altera de algum modo e cuja totalidade engaja os corpos dos participantes. (ZUMTHOR, 1993, p. 244)

Entendendo o gesto como indissociável da palavra, prossegue: “Na fronteira entre dois domínios semióticos, o *gestus* dá conta do fato de que uma atitude corporal encontra seu equivalente numa inflexão de voz, e vice-versa, continuamente”. (ZUMTHOR, 1993, p. 244). Complementando tal raciocínio Gil expõe:

De facto, os caracteres semióticos da literatura oral são múltiplos e reenviam-nos para códigos musicais, cinésicos, paralelamente a elementos paralinguísticos que interagem com o acto performativo *in praesentia*: gestos e expressões faciais, factores vocais, competência dramática, audiência, nomeadamente. Apesar de excluídos do sistema linguístico, desempenham um importante papel como signos constitutivos do texto de literatura oral. (GIL, 2005)

Ao analisar narrativas medievais, incluindo a narrativa carolíngia *Chanson de Roland*<sup>10</sup>, Zumthor afirma:

O gesto contribuía com a voz para fixar e para compor o sentido. Muitos daqueles textos que ficaram trazem-nos fugazmente o testemunho, inscrito em sua literalidade(...). Desde a época carolíngia, a pedagogia explora, para favorecer a memorização, a gestualidade do corpo ou das mãos e dos dedos. (ZUMTHOR, 1993, pp. 244-245)

Observações sobre a canção de gesta *Chanson de Roland* foram feitas também por Auerbach, no qual ele identifica na qualidade textual desta canção a sua inerente relação com o gesto.

(...) os gestos do instante cênico são de uma energia das mais marcantes e plásticas. É desta energia dos gestos e das atitudes que é visada, evidentemente, pela representação, ao subdividir os acontecimentos em muitas pequenas parcelas plásticas. O instante cênico, com seus gestos, contém tanto ímpeto que tem o efeito de um modelo moral. (AUERBACH, 2004, p. 100)

O Auto de Floripes e a Luta de Mouros e Cristãos são frutos desta interseção de linguagens, seja corporal e comunicacional. Desta maneira que, crédito à natureza das narrativas carolíngias, com sua disponibilidade para o trânsito inter-linguístico e sua condição de exercitar uma tradicionalidade dinâmica, a sua permanência no mundo contemporâneo.

Na sua base e mixagem estão fatos históricos vividos e imaginados, narrativas orais difundidas e experimentadas pela prática de trovadores e contadores de histórias, registros na modalidade escrita em prosa, versos com diversas re-escrituras e encenações criadas e recriadas do texto escrito. Sendo assim, acredito que o aspecto interativo e não linear entre histórias e linguagens é que produzem a atualização e explica a forte presença destes fatos medievais em contextos contemporâneos.

Por isso que acrescento à Oralidade e à Escrita, a Encenação como código linguístico de representação significativa nos estudos carolíngios por pensar que a potência estética destas manifestações implica um corpo que não só vê e lê escrituras,

---

<sup>10</sup> Traduzida do francês para o português, a Canção de Rolando é uma canção de gesta de grande popularidade à época, inspirada na frustrada expedição militar que em 778 Carlos Magno fez à Espanha. Segundo Favier “o mais antigo manuscrito que nos dá a conhecer a Canção de Rolando não é anterior a 1150” (FAVIER, 2002, p. 525). Cascudo diz que ela surgiu entre 1090 e 1130. (CASCUDO, 2001, p. 599) Desde então foi apresentada nas cortes francesas e alemãs pelos bardos e trovadores itinerantes, servindo como relato épico e mito legitimador da dinastia carolíngia, apresentada como a campeã da defesa da Cristandade contra o Islã. É a mais famosa das canções de gesta é a grande epopéia da literatura francesa. Fonte: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/antiga/2003/10/21/000.htm> (Acesso em dezembro de 2007)



ouve e fala narrativas, mas que também dedica seus sentidos para ampla percepção, captação e recriação destas histórias.

## **REFERÊNCIAS**

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BAPTISTA, Augusto. **Floripes Negra**. Coimbra: Cena Lusófona, 2001.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Cinco livros do povo**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. **Mouros e cristãos: cenas de um folguedo popular da cidade de Prado-Bahia**. Salvador: PPGAC/ UFBA, 2005. (Dissertação de Mestrado)

FAVIER, Jean. **Carlos Magno**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FLAVIENSE, Alexandre Caetano Gomes. **História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França**. Traduzida do castelhano por Jeronymo Moreira de Carvalho. Dividida em duas partes e nove livros e seguida da de Bernardo Del Carpio que venceu em batalha aos doze pares de França. Rio de Janeiro: Livraria Império, s/d.

GIL, Ana de Sousa. **Pelos ecos da «Oratura» ou (n)a encruzilhada de uma definição**. Portugal: Instituto de Estudos da Literatura Tradicional. FCSH/ Universidade Nova de Lisboa, 2005. Disponível em: <http://ielt.org/pagina/artigos?id=1> Acesso em 10 de dezembro de 2007.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Editora Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

ONG, Walter. **Oralidade e Cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas-SP: Papyrus, 1998

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: Educ, 2000.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.